



• Mário Peixoto - |saude@diariodominho.pt

# Diagnóstico erro

**D**esde cedo, na escola, os professores ensinam os alunos a comparar aquilo que é comparável.

Na gíria popular, a expressão que melhor revela esta intenção é a de “não misturar alhos com bugalhos”.

Porém, esse desiderato nem sempre é alcançado, seja por incuria, por desatenção ou por interesse!

O folhetim em torno da reestruturação das carreiras, vínculos e remunerações dos trabalhadores da função pública, que tem vindo a ser discutido a “conta gotas”, deixa transparecer precisamente os interesses que, na sombra, condicionam ou tentam condicionar processos que, à partida, se afiguram simples e lógicos. Centrar-me-ia porém na carreira dos farmacêuticos e da propalada hipótese, acerrimamente defendida pelos Técnicos de

Diagnóstico e Terapêutica, de ser unida, numa só carreira, a destes e a dos Técnicos Superiores de Saúde, onde se incluem, no momento, os Farmacêuticos.

A equiparação profissional, ao nível de carreira, justificar-se-ia se fossem conferidas a todos estes profissionais o mesmo nível de habilitações académicas, de conhecimento, de competências e de responsabilidade profissional.

Ora, tal não acontece.

A diferenciação profissional apresentada pelos farmacêuticos em relação aos referidos técnicos é sustentada, não só em termos curriculares, como por directiva europeia que a equipara a outros profissionais de saúde tais como médicos, médicos dentistas ou enfermeiros e mais ainda porque, na prática diária, os farmacêuticos, nas várias áreas de especialidade e competência, supervisionam, precisamente,



